

Fantina Tedim Pedrosa

Cecília Falcão

Cláudia Ferreira

Cláudia Martins

Manuel Silva

Universidade do Porto; fpedrosa@letras.up.pt

Escola Secundária Miguel Torga, Bragança; cecilia.falcao@clix.pt

Universidade de Aveiro; cferreira@dlc.ua.pt

Instituto Politécnico de Bragança; claudiam@ipb.pt

Instituto Politécnico do Porto; mdasilva@iscap.ipp.pt

Dar a palavra à ciência: diálogos entre linguística e linguagens de especialidade a propósito de um dicionário terminológico

1. Introdução

A reflexão linguística tem vindo a dar conta da vitalidade da produção e divulgação científica em português e a observar os seus processos de discussão e fixação do saber e das suas linguagens. A língua é, cada vez mais, objecto de estudo não só no âmbito estritamente linguístico mas também em áreas mais recentes que ligam, por exemplo, a língua às ciências ou a outros domínios de aplicação. A importância da língua portuguesa como língua de especialidade é, de facto, afirmada através de várias pesquisas, realizadas ou em curso, que têm como objectivo inscrever o português nas áreas mais inovadoras da sociedade actual. O projecto de concepção de um dicionário terminológico multilingue que nos tem ocupado inscreve-se exactamente nesta preocupação em considerar o português como uma das línguas de trabalho num domínio científico específico, o das Ciências da População.

Mas, na encruzilhada entre a língua e a ciência, a relação pode revelar-se problemática não apenas em casos equívocos ou que momentaneamente se apresentam como insolúveis, mas sobretudo quando há ausência de diálogo. Somos levados a pensar: que conexão tem existido entre as preocupações dos linguistas e terminólogos e as dos

cientistas ou especialistas de uma dada área do saber? Partindo da constatação de um desencontro (tradicional) entre a linguística e a ciência, assumimos novas perspectivas de cooperação, percursos inovadores na relação imprescindível entre terminólogos e especialistas, na execução do projecto terminográfico numa área tão actual e interdisciplinar como são os estudos da população. O diálogo é a atitude natural quando reflectimos sobre os problemas que se põem à língua ao ser confrontada com as necessidades das linguagens de especialidade – a análise de casos aqui exposta atesta que “dar à ciência a palavra exacta” contribuirá para a afirmação da Terminologia, enquanto disciplina autónoma, em língua portuguesa.

1.1. Das preocupações da ciência

“Population functions as a link in a vital chain,
a basic and essential part of a larger system
that shapes our public and private world.”
(Weinstein et al., 2001)

A população tornou-se desde meados do século XX um tema de interesse crescente que se expandiu para fora da comunidade científica e da esfera política. Os meios de comunicação em massa interessam-se por grandes eventos associados à população, mesmo sem um carácter político (conferências, comemorações de dias internacionais...) e, frequentemente, apresentam e discutem aspectos demográficos como o envelhecimento da população, a baixa taxa de natalidade nos países desenvolvidos, as migrações, a fome e a subnutrição em diversos pontos do mundo ou a vulnerabilidade às epidemias.

Também em diversas áreas como na economia, no planeamento urbanístico, na formulação e avaliação prospectiva de políticas governativas, na saúde pública ou na concepção de políticas sociais são utilizados conceitos e métodos desenvolvidos pelas ciências que têm como objecto de estudo a população.

Da mesma maneira, a dinâmica populacional, de uma forma frequentemente silenciosa e imperceptível, afecta as condições económicas, a qualidade ambiental, a agenda política, a ética, as relações internacionais, e estes factores, por sua vez, influenciam as características da população (dimensão, estrutura, fecundidade, mortalidade, migração, distribuição geográfica), pelo que compreender a problemática de funcionamento interno do sistema demográfico e das suas relações com as componentes geográfica, económica, social, política, antropológica, ecológica e histórica constitui um desafio que se coloca aos cientistas, desafio que não pode ser objecto de estudo de uma só ciência, sendo antes um tema verdadeiramente interdisciplinar.

Estas razões tornam a população um importante e útil campo de estudo e de intervenção profissional e social. Poder acompanhar e produzir investigação num domínio científico específico, tendo o português como uma das línguas de trabalho, é em primeiro lugar uma urgência para todos os que analisam este domínio ou domínios conexos. O presente artigo fundamenta-se nessa preocupação maior dos especialistas e procura, assim, relacionar a área da Geografia da População com a necessária reflexão linguística que está na base do dicionário multilingue que pretendemos dar a conhecer, produto esse que apresenta, tanto quanto possível, uma visão transdisciplinar desta problemática.

1.2. Das preocupações da língua

“As with any relatively new concept, terminology is subject to change, which depends on the theorists and specialists that practise it. The first reason for change derives from the relationship that terminology has with its preceding disciplines, especially with semantics, lexicology and lexicography. Some people believe that terminology is nothing more than a new perspective adopted by these disciplines. Terminology is currently seen as an art or practice rather than a science.”

(Dubuc, *apud* Cabré 1999: 9)

Neste contexto, o contributo dos linguistas e terminólogos apresenta-se como fundamental em diferentes aspectos: na tradução fidedigna de conceitos, contribuindo para uma delimitação de fronteiras entre áreas conceptuais contíguas, no aproveitamento pelos especialistas dos recursos linguísticos existentes e mais adequados e mesmo na criação de novos termos (neónimos) para conceitos novos ou que continuam sem designação.

A incorrecção linguística na tradução de termos e a utilização indevida ou distorcida de conceitos que circulam e que contribuem para perpetuar erros foram também factores que motivaram a realização deste dicionário multilingue. Assim, o seu intuito é facilitar a tradução de termos para português e apresentar uma definição correcta de conceitos, que informe sobre o funcionamento do sistema demográfico: confluem aqui as preocupações relativas à harmonização e à correcção da língua bem como à precisão conceptual da ciência.

1.3. Da motivação para um projecto terminológico na área das Ciências da População

A constatação de que o tema interessa à comunidade em geral e a necessidade de facilitar a comunicação entre áreas afins, pois a população é um objecto interdisciplinar, justificaram que ao longo de anos vários glossários, dicionários, léxicos e outras obras de referência tenham sido criados. Já em 1969, a IUSSP (*International Union for the Scientific Study of Population*) revelava a necessidade de criar um dicionário temático de demografia (*Multilingual Demographic Dictionary*) em várias línguas, cuja obra tem vindo a ser reeditada, inclusivamente em português.

No entanto, a Geografia desprezou, de certa forma, os estudos sobre a população. Em alguns dicionários geográficos encontram-se diversos conceitos da população mais relacionados com a distribuição e a mobilidade, revelando-se, porém, esta abordagem muito restritiva no que diz respeito à abrangência do fenómeno da população.

A preocupação de divulgação conduziu-nos à reflexão sobre os meios linguísticos que permitem a comunicação e a discussão dos conceitos científicos entre especialistas, nomeadamente quando somos confrontados com textos de vulgarização ou semi-vulgarização e, sobretudo, de natureza oficial que carecem, por vezes, de rigor conceptual. Aliada a esta questão está também a escassez de obras de referência de carácter normalizador em português europeu, havendo apenas alguns dicionários escolares ou que versam temas específicos (*v.g.*, *Dicionário do Casamento/ Divórcio & Temas Adjacentes*).

1.4. Dos objectivos do presente artigo

Pretendemos mostrar qual a reflexão que permitiu, ao longo de todo o trabalho, a desambiguação desejada por qualquer linguagem de especialidade e também como essa reflexão nos levou a propor determinadas soluções, a nível tradutivo, linguístico e conceptual.

Assim, este texto tem como objectivos: demonstrar como o produto terminográfico multilingue em construção vem contribuir para a difusão e necessária evolução da língua portuguesa; afirmar a necessidade e a pertinência deste trabalho, apesar de nos encontrarmos num contexto em constante evolução científica que tende a encerrar as obras de referência como perecíveis; justificar a criação de equipas multidisciplinares, capazes de solucionar problemas de harmonização/ normalização conceptual e terminológica, confirmando a língua portuguesa como língua científica de pleno direito no estabelecimento da teoria, no seu ensino e divulgação bem como em textos de carácter regulamentador que recorrem a esta área.

2. Características e finalidade do projecto

Ambas as vertentes, a científica e a linguística, imprescindíveis para o conhecimento e a sua transmissão, conduziram à constituição de uma equipa interdisciplinar de especialistas da área da Geografia e de terminólogos com vista à elaboração de um produto terminográfico¹ multilingue de divulgação em Estudos da População. Este produto assume a forma de um dicionário terminológico que se organiza tematicamente em sete domínios, a saber **fontes e métodos, dinâmica populacional, distribuição da população, estruturas da população, população e desenvolvimento, população e ambiente e políticas populacionais**, estando cada um destes estruturado em subdomínios, nos quais se inscrevem os termos por ordem alfabética (partindo do português).

As suas finalidades são permitir a desambiguação dos termos na comunicação entre especialistas da mesma língua ou de várias línguas, possibilitar a divulgação dos conceitos das linguagens de especialidade entre si e à comunidade em geral de uma forma inequívoca e encontrar soluções adequadas a nível linguístico para a designação de conceitos através de termos transparentes e motivados.

Pelo rigor científico imposto e pela clareza de linguagem, pretende-se ainda captar o público em geral, que se tem tornado ávido de um saber profundo, sintético mas essencial, numa estruturação conceptual que lhe permita em pouco tempo apreender vários aspectos da complexidade que caracteriza o domínio da Geografia da População. Qualquer cidadão, bombardeado por informações de proveniência nem sempre clara e com motivações muito diversas, pode ser facilmente manipulado. Por isso, numa época em que se apela à cidadania, o dicionário permite enriquecer a cultura geral e optar pela vertente que, num dado contexto, se revele como a mais pertinente.

¹ Entenda-se que, segundo Gouadec (1990: 3-4), Terminologia é a ciência que estuda os termos, a sua formação e as suas relações, de um determinado universo de conhecimento, enquanto Terminografia é a actividade de constituição de vocabulários especializados.

3. Metodologia de trabalho

O projecto assenta numa equipa interdisciplinar² constituída por uma especialista em Geografia da População e quatro terminólogos (tendo cada um a seu cargo a pesquisa numa das línguas estrangeiras, mas com uma preocupação de partilha constante em língua portuguesa) e teve como ponto de partida uma listagem de termos pré-seleccionados pela especialista, listagem esta que orientou a pesquisa terminológica ulterior. Logo, a principal preocupação da equipa foi estabelecer um projecto de terminologia simultaneamente descritiva – que se caracteriza por analisar uma área de especialidade, estudar os seus conceitos e coligir os termos – e prescritiva – que se preocupa com a normalização dos termos. Começámos, assim, por identificar os termos nucleares dos domínios e subdomínios em causa, definir os conceitos por estes expressos, determinar quais seriam verdadeiros termos (sem excluir, numa primeira etapa, os que se apresentavam como ‘candidatos a termos’), seleccionar os contextos ilustrativos e as fontes bibliográficas fidedignas e delimitar os domínios e subdomínios em causa, no sentido de poder avaliar e validar os termos atribuídos aos conceitos já existentes e propor, se tal fosse o caso, novas unidades terminológicas para conceitos novos ou sem designação (Wright & Budin 1997).

Desta forma, o projecto desenvolveu-se com base numa dupla abordagem: semiológica, orientada do termo para a procura do seu significado, e sobretudo onomasiológica, partindo do conceito com vista a alcançar a denominação exacta, mas com um objectivo final único – a criação de um produto terminográfico multilingue. Convém ter em consideração o que se entende por conceito e termo: o conceito consiste na representação mental de objectos ou conjuntos de objectos individuais que partilham determinadas características e cuja função permite a classificação ou ordenação mental dos conceitos e a sua comunicação através da associação a um símbolo linguístico (Felber 1984), enquanto o termo, em linguagem de especialidade, é uma representação linguística de um conceito, utilizada numa área específica (Cabré 1999), podendo assumir formas e extensão variáveis.

Numa primeira fase, sentimos necessidade de alargar a área do conhecimento, passando da abordagem geográfica da população, que se revelou extremamente limitativa, para uma perspectiva multidisciplinar (Estudos da População) que integra a Demografia, a Economia, a Sociologia, a Epidemiologia, a Ecologia, entre outras áreas. Este alargamento, a par da sua delimitação, levou-nos a organizar os termos em árvores conceptuais correspondentes aos domínios já referidos, para termos uma visão global dos campos abrangidos mas também das relações conceptuais no interior dos campos e entre eles e os termos respectivos.

O estabelecimento dessas áreas orientou a pesquisa e a recolha de documentos em suportes diversos e em diferentes línguas (alemão, espanhol, francês, inglês e português), nomeadamente de obras de referência, de cariz científico e oficial. Seguidamente, iniciámos a constituição de *corpora* de especialidade a partir de textos provenientes de organizações e instituições nacionais e internacionais, de sítios de universidades e de

² Esta equipa foi constituída no âmbito do Seminário de Especialidade em Geografia/ História, constante do 2.º semestre do 1.º ano do Mestrado em Terminologia e Tradução (edição de 2000/ 2003) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a coordenação da Prof. Doutora Belinda MAIA.

associações profissionais, de obras de referência e manuais, de dicionários, glossários, léxicos, vocabulários e *thesauri* e de revistas de divulgação científica, em linha ou impressas. Constatou-se desta recolha documental para criação de *corpora* a notória presença de textos em língua inglesa e a escassez de textos em português europeu.

Os *corpora* constituídos (*corpora* paralelos e *corpora* comparáveis³, monolíngues ou multilíngues) acompanharam o desenvolvimento e o teste de um conjunto de ferramentas integradas concebido pelo Pólo FLUP/ CLUP da Linguateca, designado por 'Corpógrafo'. Estas ferramentas permitem, a partir do armazenamento de um conjunto de textos em formato electrónico, a manipulação e o seu tratamento terminológico de forma semi-automática, através do recurso a técnicas de alinhamento, fraseamento e concordância, entre outras. Assim, esta plataforma de análise de *corpora* – fruto da proveitosa interdisciplinaridade entre linguistas, tradutores, especialistas de várias áreas científicas e informáticos⁴ – permitiu-nos extrair novos termos e detectar a existência de novos conceitos, alguns dos quais ainda com denominações não estabilizadas ou sem designação em língua portuguesa. A extracção foi realizada a partir de uma análise semi-automática dos textos em formato electrónico e os seus resultados foram exportados e armazenados numa base de dados terminológicos, concebida de forma a permitir diferentes tipos de pesquisa conceptual num ambiente dinâmico que suporta a adição de documentos e a definição de redes semânticas não estáticas. Esta base está a evoluir para uma base de dados de conhecimento (e não de simples informação terminológica), com interfaces cada vez mais flexíveis, que permitem ao utilizador compilar e organizar os seus próprios *corpora* e analisar as relações que considerar pertinentes num determinado domínio conceptual⁵.

A equipa tomou em consideração as recomendações das normas ISO, especialmente as provenientes do Comité Técnico 37, relativas ao trabalho terminológico e terminográfico, aos seus princípios e métodos, ao uso de vocabulários e formas normalizadas de registo e apresentação e à ajuda computacional na criação, utilização e partilha de dados terminológicos.

De acordo com a *ISO 10241* (1992), os dados terminológicos organizam-se da seguinte forma:

1. os dados referentes ao termo: o termo em si, os sinónimos e os antónimos, as variantes ortográficas, morfológicas e sintácticas, as formas abreviadas e as formas

³ Enquanto um '*corpus* comparável' consiste num conjunto de textos em duas ou mais línguas relativo à mesma área de saber ou de uma área similar, ou ainda um grupo de textos de pares de línguas que podem ser contrastadas e comparadas em função das suas características específicas, um '*corpus* paralelo' pode assumir uma das três hipóteses: alinhamento de textos originais numa L1 e as respectivas traduções; alinhamento de textos originais nas L1 e L2 e as suas respectivas traduções; ou alinhamento de traduções em diversas línguas de um texto originalmente escrito numa dada língua (Pearson 1998: 43-48).

⁴ Este projecto é liderado pela Prof. Doutora Belinda MAIA, juntamente com o engenheiro Luís SARMENTO, da Universidade do Porto, no âmbito da 'Linguatca' (<http://www.linguatca.pt>), na sequência da elaboração do 'Processamento Computacional do Português' (MCT, conduzido por Diana SANTOS). O projecto conheceu desenvolvimentos recentes, com uma 2.ª versão do 'corpógrafo' lançada em Outubro de 2004.

⁵ Cf., no sítio do pólo do CLUP (<http://www.linguatca.pt/corpografo/>), o *poster: Integrated web environment*, de 31 de Março de 2003.

- plenas, os símbolos, os equivalentes em línguas estrangeiras, os graus de aceitabilidade, a informação gramatical e as notas;
2. os dados relativos ao conceito, como é o caso da definição, dos contextos, de representações gráficas ou de outras representações do conceito (fórmulas ou numerações), dos exemplos, das notas e da informação sobre os sistemas conceptuais (*v.g.*, conceito subordinado, supraordenado ou coordenado);
 3. os dados administrativos, a saber: a identificação do conceito, o símbolo da língua em causa, a data do registo, a identificação do registo efectuado e a fonte.

Tendo em conta estas recomendações, criámos uma ficha terminográfica que integra os campos mais pertinentes para o produto em construção, ou seja, seleccionámos o domínio e subdomínio conceptuais, o termo, a informação gramatical, o sinónimo, a definição, a representação gráfica, os equivalentes noutras línguas e respectivos informação gramatical e sinónimos, os termos relacionados e as notas.

Numa fase subsequente ao estabelecimento dos termos e da sua definição, foram convidados diferentes especialistas nas várias línguas, de forma a validar e estabilizar os equivalentes atestados ou propostos, na dupla vertente conceptual e linguística. A verificação dos conceitos, pelo confronto das diferentes línguas, a decisão sobre a inclusão/ ordenação de termos, incluindo a opção entre variantes ou (para)sinónimos, bem como a apresentação final do produto, impresso ou electrónico, constituirão as últimas “etapas da pesquisa terminológica” (Rondeau 1984; Gouadec 1990).

4. Estudo de casos

Na sequência deste processo, fomos identificando problemas de diferente natureza, nomeadamente a polissemia, a sinonímia, a necessidade de criação de novos termos (neónimos) devido à ausência de equivalentes, a deficiente tradução terminológica e/ ou conceptual e a má interpretação por desconhecimento linguístico, que serão exemplificados pelos seguintes casos:

1.º caso – A correspondência entre os pares “fertility”/ “fecundity” e “fertilidade”/ “fecundidade” é um dos casos mais evidentes dos erros de tradução causados pela semelhança fónico-gráfica de termos cognatos. Verificámos, de facto, uma confusão entre os conceitos de ‘fertilidade’ – a capacidade biológica de produzir óvulos e espermatozóides viáveis – e ‘fecundidade’ – a resultante da reprodução –, quando afinal a correspondência é inversa entre o português e o inglês: “fecundity” e “fertility”. Deve, contudo, ter-se ainda em conta o domínio específico em que o termo é usado: é que o uso dos termos ingleses assemelha-se ao uso português, mas apenas no domínio da Biologia.

2.º caso – O termo “total fertility rate” surge traduzido em algumas publicações de divulgação e até documentos oficiais (concretamente, no *Relatório sobre o Desenvolvimento Humano* – Human Development Report, UNDP) por “taxa de fertilidade total” em vez do termo estabilizado em português: “índice sintético de fecundidade”. Os equivalentes que poderiam ter sido adoptados na tradução são: “índice sintético de fecundidade”, “descendência média” ou “índice conjuntural de fecundidade”. O facto de tomar, sem reflexão, como equivalentes dois indicadores que o não são (taxa e índice) mostra uma tradução literal a partir do inglês, sem cuidar de seguir o rigor con-

ceptual nem a tradição encontrados nos estudos da área que a língua portuguesa já firmou. Esta designação que, infelizmente, temos visto ganhar terreno, esquece ainda que, mesmo que fosse uma “taxa”, ela seria entre nós classificada não como “total” – tal uso seria, aqui, incorrecto ou inexistente – mas como “global”, para além do já identificado falso amigo **“fertility/ fertilidade”*.

3.º caso – Num livro sobre demografia, publicado em 2004, refere-se a “taxa de mortalidade pré-natal” como sendo a que se “obtem dividindo os óbitos pré-natais (óbitos fetais tardios e óbitos neonatais precoces) pelos nascimentos”. A incorrecção conceptual deriva da confusão de dois prefixos de valor diferente (o 1.º de origem latina, o 2.º de origem grega): *pré*-natal (antes do nascimento) e *perinatal* (à volta do nascimento, no período imediatamente anterior e posterior ao parto) – este 2.º adjectivo integra, por exemplo, o termo “período perinatal” (partilhado pelas ciências da saúde) e há formações semelhantes noutros termos da demografia, como “periurbano”. A designação correcta é, aqui, “taxa de mortalidade perinatal”. Sendo as línguas clássicas um vasto repositório de elementos formativos (bases e afixos) para a terminologia técnica e científica, esta é uma área em que os conhecimentos de morfologia e de história da língua ajudam o especialista a identificar erros linguísticos e conceptuais e a solucioná-los.

4.º caso – Aos termos em francês “dépopulation” e “dépeuplement”, equivalentes em espanhol a “despoblación” e “despoblamiento”, que traduzem uma diminuição de efectivos resultante de um saldo natural negativo e um decréscimo de população devido às migrações, respectivamente, corresponde um só termo de sentido geral em inglês, “depopulation”, e um só termo em português, “despovoamento”, sendo necessária uma paráfrase explicativa para separar cada um dos casos.

É interessante verificar como cada idioma faz escolhas diferenciadas nos processos de criação terminológica, tal como faz na neologia em língua geral. Embora tanto o português como o inglês concentrem num só termo (seria um caso de polissemia) o decréscimo que deriva do facto de haver maior número de mortes do que nascimentos e o decréscimo por deserção e abandono do território, estamos perante caminhos etimologicamente diversos.

Há dois entendimentos possíveis em relação a esta assimetria inter-línguas:

- a) existem, em francês e em espanhol, dois conceitos diferentes, que o equivalente português reduz, tal como o inglês. É certo que também o termo “ermamento” está atestado em português para este sentido geral de ausência de população, independentemente da causa, embora com menor divulgação. Por se ter passado a entender pelo termo português sobretudo o processo gradual de perda de população, cuja situação extrema será a completa ausência de efectivos, “despovoamento” tem perdido vitalidade não tanto na comunidade científica mas sobretudo no discurso de vulgarização e tem vindo a ser substituído, não raramente, por “desertificação”, entendendo-se o termo apenas na sua vertente de “desertificação humana”;
- b) ou consideramos que estamos perante um só conceito – diminuição da população – com duas variantes que particularizam as razões dessa perda: “dépopulation” como resultado negativo da dinâmica natural e “dépeuplement” como fruto de um saldo migratório negativo.

O facto de haver dois termos diferenciados apela a conceitos não confundíveis, que correspondem a dois aspectos da dinâmica da população: “saldo natural” e “saldo migratório”.

5.º caso – Constata-se um vazio terminológico em português relativamente ao termo inglês “replacement migration”, apesar de termos já encontrado a designação “migração de substituição” numa revista de demografia⁶, o que prefigura um problema de entendimento conceptual; isto é, o termo português parece indicar uma forma de migração – subdomínio da mobilidade espacial – enquanto o inglês enfatiza um tipo de substituição/ reprodução da população: trata-se, afinal, de uma ‘substituição/ renovação por migração’ (termos não atestados).

6.º caso – “Empowerment” não apresentava, inicialmente, um equivalente estável em português, talvez por ser um conceito usado em diferentes domínios conceptuais (política, ciências sociais, economia), tendo sido proposto o termo “capacitação”, que se foi firmando e se divulgou através de textos oficiais e informativos. Neste caso, fugiu-se à tentação de uma tradução literal do inglês e foram aproveitados recursos genolexicais tradicionais do português, algo que não acontece em francês, por exemplo, que mantém o estrangeirismo.

Todavia, também em português continua a ocorrer a forma importada e vimos recentemente uma ‘nativização do empréstimo’, “empoderamento”, que soa como um termo estranho (embora use estruturas formativas do português). Admitimos alguma resistência em inscrevê-lo num paradigma cuja base seria ‘poder’, pois não se atesta nenhum verbo **“poderar” ou **“empoderar” nem um adjectivo **“empoderado”⁷. Ao invés, a rede conceptual e a retoma discursiva ficam asseguradas no discurso científico no caso de “capacitação”, pelo já tradicional uso de “capacidade”, “capacitar”, “capacitado” – não esqueçamos que à neónimia interessa seguir as regras da transparência e motivação e a possibilidade de derivação, bem como acatar hábitos fonológicos e morfo-sintácticos da língua. Qual a razão para esta criação? É uma questão de moda ou submissão ao inglês? Falta saber se a forma “empoderamento” ficará circunscrita ao português do Brasil⁸ ou se este decalque do inglês supõe algo conceptualmente distinto: embora com menor uso, a “concessão, obtenção ou reforço do poder” parece servir as áreas das relações internacionais e a ciência política; “dotar de capacidades” tem sido associado à educação e formação, aos recursos humanos e profissionais, embora não se confine a estes domínios.

7.º caso – A tradução incorrecta de “potential years of life lost” e “years of potential life lost” (que ocorrem amiúde nas formas abreviadas PYLL e YPLL, respectivamente) pelas formas em português “anos potenciais de vida perdidos” e “anos de vida

⁶ *Boletim da Associação Portuguesa de Demografia*, n.º 3, de Novembro de 2002.

⁷ Embora a adjunção simultânea de afixos, mais exactamente de um afixo descontínuo, i.e. a circunfixação, seja um processo com vitalidade em língua portuguesa na formação denominal ou deadjectival de verbos, sem formas intermédias (do tipo *aclarar*; *entardecer*; *embarcar*), quando há um nome, vemo-lo surgir do verbo, como ‘acto ou efeito de V’: *emparcelar* > *emparcelamento do território*; *empobrecer* > *empobrecimento do solo*; *envelbecer* > *envelbecimento da população* – tais ‘palavras possíveis’ na cadeia derivativa não se actualizam neste caso.

⁸ Dicionários de referência como o *Novo Aurélio Século XXI* e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* não o registam, mas surge no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa.

potenciais perdidos” reflectem a ausência de entendimento conceptual e uma formulação linguisticamente inexacta: o que é perdido não são os anos, mas a vida; os anos são a unidade em que se quantifica a vida perdida. A hesitação, dada a novidade do conceito, estende-se ainda a outras ocorrências que encontramos: “anos de vida potencial perdidos” e “anos de vida potencialmente perdidos” (bem como se fala, em publicações do domínio da saúde, da “perda potencial em anos de vida”). No entanto, estas formas coexistem com uma outra, “anos potenciais de vida perdida”, esta já em concordância com o termo inglês.

8.º caso – Verifica-se a evolução do entendimento do termo “crescimento”, que teria sempre uma acepção positiva, seguindo a conotação que detém em língua geral, para passar cada vez mais a abranger também um sentido negativo, ou seja, crescimento positivo e negativo de algum fenómeno, à semelhança do uso do termo nos estudos económicos. Por isso, os termos “saldo fisiológico” e “saldo natural” têm sido substituídos por “crescimento natural”: deparamo-nos com um caso de sinonímia e também de análise diacrónica. No entanto, actualmente, fala-se especialmente de crescimento com um sentido positivo e negativo com incidência noutros termos como “crescimento migratório” (sinónimo de “saldo ou balanço migratório”), à semelhança de “crescimento natural” (sinónimo de “saldo natural” ou “saldo fisiológico”), que traduzem variações tanto positivas como negativas.

4.1. Discussão de dados

Além das interrogações levantadas do ponto de vista terminológico e geográfico, a questão que se coloca é a das respostas dadas e soluções encontradas para estes problemas.

Nos casos 1, 2, 3 e 7, optámos claramente pela correcção terminológica, dado que já existem termos correctamente adoptados em português, desde que não se troque o conceito.

No exemplo 4, devemos provavelmente aceitar a existência de uma paráfrase explicativa que venha completar o termo “despovoamento” para evitar o risco de confusão ao criarmos um novo termo (*“depopulação”, por exemplo).

Se no caso 6 assistimos ao aparecimento de um novo termo, equivalente português adequado para o inglês “empowerment”, tal não acontece no exemplo 5, onde muito provavelmente teremos de optar pela criação de um termo de acordo com o significado do original inglês, permitindo assim corrigir a designação (errada) já encontrada, embora numa única ocorrência, pois trata-se de atribuir uma forma linguística, uma denominação, a um conceito recente. A melhor tradução seria “substituição por migração”.

Finalmente, o exemplo 8 parece requerer mais cuidado. Não podemos abstrair do uso generalizado do termo “crescimento”, muito embora este possa levar mais facilmente a uma certa confusão conceptual. Teremos pois que assentar claramente os valores positivo e negativo do termo, podendo também dar conhecimento dos seus sinónimos, marcando um dos usos como mais antigo e explicando a razão histórica da sua progressiva substituição.

Como vemos, não se trata neste projecto de ser normalizador à força, mas sim de levantar questões e tentar esclarecer conceitos através de sugestões terminológicas. Cremos que os contributos da língua geral e das linguagens de especialidade são imprescindíveis para qualquer progresso do conhecimento e da sua transmissão.

Conclusões

As nossas conclusões, que advêm da metodologia usada e da reflexão sobre aspectos linguísticos e conceptuais, insistem nos seguintes factos:

- a) Interessa consciencializar os especialistas de uma área técnica ou científica para a necessidade de harmonização/ normalização no uso da sua própria terminologia;
- b) Afirmamos, por isso, a importância de uma nova atitude de franca e esclarecida colaboração entre especialistas da área e terminólogos;
- c) Adoptar uma perspectiva dinâmica da estrutura conceptual do domínio em questão, um sistema aberto multilíngue e multicultural em constante avanço, permite integrar novos saberes – daí a vantagem de uma organização conceptual dos termos e das suas relações numa estrutura própria de *thesauri*, que depende do processo mas também do meio/ suporte da pesquisa;
- d) A existência de uma base de dados terminológica, que se afirma como base de conhecimento, em suporte electrónico, possibilita, através de uma procura e análise semi-automática, o acompanhamento da evolução dos conceitos da área e das respectivas denominações – seja por criação interna ou por adaptação –, evidenciando uma “malha conceptual multidimensional” que permite actualização.
- e) A importância da inclusão do português neste projecto, como língua que veicula estas reflexões, justifica o interesse da linguística em geral e da terminologia em particular.

Em suma, a criação e evolução do conhecimento científico não deve ser feita à margem da língua, até porque, às vezes, há termos já existentes no idioma – aproveitamento dos recursos linguísticos – ou semelhantes noutra língua ou noutra área e que, quer por empréstimo externo ou interno, podem bem servir os propósitos do cientista.

Estamos convictos de que esse novo papel das ciências e da terminologia conduz à necessidade de uma clara e efectiva política da língua, para a defesa de cada idioma como veículo de pesquisa, criação e difusão do conhecimento. É a desejada monossémia de linguagem que permite que uma ciência se afirme, se discuta, seja explicada e aplicada em actos quotidianos – o discurso científico, o didáctico e o normativo são momentos diversos da mesma asserção: a ciência pede à linguagem clareza nas definições e univocidade nas denominações e a língua portuguesa não pode deixar de ter a palavra nesta evolução.

BIBLIOGRAFIA

Terminologia e Terminografia:

- CABRÉ, Maria Teresa (1999), *Terminology - Theory, Methods and Applications*, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing.
- FELBER, Helmut (1984), *Terminology Management*, Paris, UNESCO & Inforterm.
- GOUADEC, Daniel (1990), *Terminologie: constitution des données*, Paris, AFNOR.
- ISO, International Organization for Standardization, 1992, *ISO 10241*.
- PAVEL, Silvia e NOLET, Diane (2001), *Handbook of Terminology*, Canada, Minister of Public Works and Government Services.
- PEARSON, Jennifer (1998), *Terms in Context*, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing.
- REY, Alain (1995), *Essays on Terminology*, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing.
- RONDEAU, Guy (1984), *Introduction à la Terminologie*, Québec, Gaëten Morin Editeur.
- WRIGHT, Sue Ellen e BUDIN, Gerhard (orgs) (1997), *Handbook of Terminology Management*, vol. 1, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing.
- FERREIRA, Flávio (2002), *Dicionário de Casamento/ Divórcio & Temas Adjacentes*, Porto, Campo de Letras Editores.
- NAZARETH, J. Manuel (2004), *Demografia. A ciência da População*, Lisboa, Editorial Presença.
- NOIN D., THUMERELLE P.-J. (1993), *L'étude géographique des populations*, Paris, Masson.
- WEINSTEIN, J. e PILLAI, V. (2001), *Demography. The science of Population*, Boston, Allyn & Bacon.